

### O único caminho para a sustentabilidade

Num momento em que o défice económico do país e do mundo está na boca de todos, o défice ecológico, muito maior, na ordem dos 50%, continua a não merecer nenhuma acção ou reacção da sociedade e dos governos. Nesta reflexão sobre o assunto, advoga-se a necessidade de reduzir o consumo, principalmente nos países desenvolvidos, e criar um novo modelo económico que não esteja baseado no crescimento contínuo, que não cresça para além dos limites da biocapacidade da Terra.

Neste momento, em que a sociedade está ameaçada pelo fantasma da crise económico-financeira, ouvem-se da boca de políticos, empresários e economistas inúmeras considerações sobre como atenuar os seus efeitos. Quando a crise começou a ganhar contornos assustadores, inúmeros foram os economistas e líderes mundiais que anunciaram a aproximação de uma grande revolução na estrutura económica e financeira mundial: tudo indicava que nada voltaria a ser como antes. No entanto, em poucos meses, os discursos voltaram a centrar-se em torno de um conjunto de soluções bem conhecidas de todos. Afinal, o modelo económico-financeiro iria continuar igual, apesar das grandes fragilidades que tinha acabado de revelar, e a solução para revitalizá-lo residia no reforço dos pilares que ameaçavam ruir, em vez da construção de um edifício novo e diferente. Ou seja, fazer tudo para que a economia continue a crescer.

### Uma economia crescente é insustentável face aos limites da Terra

Nas análises feitas pelos líderes de opinião, as abordagens mais defendidas para fazer face à crise dividem-se (ou unem-se) em dois grandes blocos, os quais, na prática, até parecem ser antagónicas: um deles é fazer com que a economia cresça mais, o outro é reduzir as despesas do Estado e das famílias, ou seja, poupar mais. Curiosamente, o governo português, na sua primeira abordagem à crise, optou por seguir a primeira solução, aumentando as despesas do Estado para injectar mais dinheiro na economia e, com isso, fazê-la crescer de modo a que as empresas aumentassem os seus rendimentos e pudessem criar mais empregos (ou despedir menos) e assim reduzir a pobreza (na verdade, os rendimentos obtidos são mal distribuídos e, como tal, apresentam um efeito muito limitado na redução da pobreza). No entanto, esta abordagem teve como resultado imediato o aumento do défice e, portanto, da dívida pública. Logo, os mercados internacionais fizeram subir as taxas de juros por sentirem o risco de Portugal não conseguir, no futuro, pagar as suas dívidas e, face a essa situação, o governo foi obrigado a mudar de estratégia. Passou, então, a cortar nas despesas de modo a tentar reduzir o défice e as taxas de juros mas isso está a fazer com que o desemprego e a pobreza aumentem no nosso país (muitas empresas aproveitam o momento de crise para se libertarem de parte dos colaboradores a que chamam "gorduras"). Portugal e o mundo estão num beco sem saída mas, ainda assim, insistem em não tomar outra direcção.

Nesta altura, o leitor já deve estar a perguntar-se sobre qual a relação destes primeiros parágrafos com a temática ambiental. Na verdade, mais do que com o ambiente, tudo isto está directamente relacionado com a sustentabilidade. Que sustentabilidade económica, social e ambiental poderá ter a humanidade se a sua existência continuar baseada num modelo de crescimento contínuo, como se não existissem limites em espaço e recursos no nosso Planeta. Já repararam que quando uma economia cresce pouco entra logo em crise? Percebam bem que quando se diz que a economia cresce pouco não significa que decresceu, significa apenas que não foi muito para além dos resultados do ano anterior. Quer isto dizer que se tivermos um bom ano económico o ano seguinte terá de ser ainda melhor para que os mercados não entrem em crise. Um modelo económico destes é insustentável. Não é possível um crescimento infinito num mundo que tem limites bem definidos. Se este modelo económico só se mantém saudável quando em crescimento, então, pensar que pode ser uma solução com futuro é, mais do que uma utopia, um suicídio. Já há algumas décadas que a humanidade está a consumir mais recursos do que aqueles que a natureza consegue repor. Se a economia crescer ainda mais, e esta só pode crescer com o crescimento do consumo de recursos naturais (pelo menos no modelo actual), esse défice ecológico vai acentuar-se.

### O défice ecológico é muito maior do que o défice económico

O relatório Planeta Vivo 2010 (Living Planet Report 2010), desenvolvido pela WWF, deixa bem claro que é urgente reduzir a pegada ecológica da humanidade, em particular dos países desenvolvidos. Foi já nos anos setenta do século passado que o consumo de recursos e a produção de desperdícios ultrapassou a biocapacidade do Planeta. Desde então, a pegada ecológica da humanidade continuou a crescer e já ultrapassou em 50% a capacidade da Terra em repor os recursos consumidos. Ou seja, para satisfazer o nosso estilo de vida actual, sem ultrapassar a capacidade de regeneração da Terra, seria necessário mais meio planeta, para além daquele que temos. Este acentuado défice ecológico traduz-se no consumo de recursos que deveriam ser reservados para o futuro das actuais e próximas



gerações e tem consequências devastadoras na destruição da biocapacidade da Terra. É uma dívida ecológica que terá, de uma forma ou de outra, de ser paga no futuro. Da mesma forma que a nível económico teremos de sofrer profundas restrições para baixar o défice, também a nível ambiental teremos de reduzir substancialmente o consumo de recursos naturais e a produção de poluição para acabar com o nosso monstruoso défice ecológico. O défice económico é pequeno em comparação com o défice ecológico que estamos a criar.

A humanidade é constituída neste momento por mais de 6,5 mil milhões de pessoas, a maior parte com consumos de recursos várias vezes abaixo do dos cidadãos dos países ocidentais. Mesmo que a população mundial deixasse de crescer, bastaria que todas estas almas tivessem o nível de consumo de recursos que têm os portugueses para que o défice ecológico passasse dos 50% actuais para 150% (correspondendo aos recursos produzidos por 2,5 planetas). Se o nível de consumo de toda a humanidade fosse igual ao dos habitantes dos Estados Unidos da América ou da Bélgica, o défice ecológico seria ainda muito maior, na ordem dos 400% (correspondendo aos recursos produzidos por 4,4 planetas). Na verdade, de acordo com os dados disponibilizados pelo relatório Planeta Vivo 2010, a maior parte da humanidade (cerca de 80%) possui pegadas ecológicas em equilíbrio com a biocapacidade da Terra (1,8 hectares globais por pessoa), mas uma minoria (20%), formada pelos habitantes dos países industrializados ou ocidentalizados, é responsável por todo o défice ecológico da humanidade, apresentando, em média, pegadas ecológicas três vezes superiores à biocapacidade da terra (5,5 hectares globais por pessoa). Esta distribuição desigual da responsabilidade pelo défice ecológico é coincidente com a que há muito é referida para a riqueza, em que 20% da população mundial detém 80% da riqueza. Em vez de dizermos que a humanidade possui um défice ecológico de 50%, talvez fosse mais justo dizer que 20% da humanidade, ou os países ocidentais (nós, portanto), possuem um défice ecológico de 300% (que distribuído por toda a humanidade fica em 50%, já que uma boa parte da população mundial, principalmente dos países em desenvolvimento, ainda vive dentro dos limites de biocapacidade do Planeta). Com o passar do tempo, o dia em que a humanidade esgota os recursos disponíveis para cada ano e, a partir daí, entra em défice ecológico tem vindo a chegar cada vez mais cedo. Em 1995 foi a 21 de Novembro mas em 2007 foi já a 6 de Outubro e em 2007 a 25 de Setembro. Em 2010, apesar da crise económica global, o dia em que entramos em défice ecológico foi a 22 de Agosto, revelando o aumento vertiginoso da nossa pegada ecológica nos últimos anos e a redução da própria biocapacidade do Planeta devido à influência humana.

# REDUZIR O DÉFICE ECOLÓGICO

# PROJECTO EM DESTAQUE

Hélder Spínola

Dirigente Nacional da Quercus

Investigador do Centro de Investigação em Educação da Univ. da Madeira



Paulo Magalhães



Paulo Magalhães



Paulo Magalhães

Neste contexto, é difícil perspectivar alguma solução para os problemas ambientais que afligem a humanidade que não passe pela diminuição do consumo de recursos e pela redução da produção de desperdícios, em particular nos países mais desenvolvidos. O caminho traduz-se portanto numa única palavra: REDUZIR. Reduzir o défice ecológico: reduzir o consumo e a produção de desperdícios.

**O papel da eficiência**

Uma das formas de reduzir o défice ecológico é aumentar a eficiência no uso dos recursos, ou seja, conseguir com um menor consumo de recursos e uma menor produção de desperdícios responder às mesmas necessidades. Em muitas áreas, nomeadamente na energia e resíduos, o aumento da eficiência tem sido notória nas últimas décadas. No entanto, apesar de termos carros mais eficientes do que nas décadas anteriores, das lâmpadas necessitarem de menos energia eléctrica para garantirem a mesma iluminação e da produção de uma unidade de qualquer produto ou serviço poder significar a produção de menos resíduos hoje, a verdade é que esse aumento na eficiência não está a compensar minimamente o crescimento do consumo. Ou seja, não basta aumentar a eficiência no uso da energia (electricidade e combustíveis), é fundamental reduzir efectivamente o seu consumo; não basta reciclar mais, é imprescindível reduzir a produção de resíduos; não basta ser mais eficiente no uso das matérias-primas, é urgente consumir uma menor quantidade de recursos naturais.

**As energias renováveis**

Um dos maiores responsáveis pelo gigante défice ecológico dos países desenvolvidos é o consumo de energia, em particular pelas emissões de gases com efeito de estufa que lhe está associada. Há muito pouca coisa na nossa vida de cidadãos ocidentalizados que não requeira consumo de energia, desde os alimentos que consumimos, até à roupa que vestimos e ao lazer de que usufruímos, passando pela gestão dos desperdícios que produzimos e da disponibilidade da própria água que bebemos. Para além da eficiência energética, um aumento do contributo das energias renováveis é sem dúvida fundamental para reduzir a pegada ecológica e, logo, o nosso défice ambiental. Esta é uma solução tecnológica importante mas que de pouco valerá se, mais uma vez, o sentido do nosso maior esforço não for para a redução do consumo de energia. O aumento da eficiência e da produção de energias renováveis não tem compensado minimamente o aumento do consumo, essencialmente satisfeito à custa do aumento da queima de combustíveis fósseis. A redução do consumo de energia estará também directamente relacionada com a redução do consumo de produtos e serviços.

**Os nossos resíduos**

Os resíduos que produzimos, sejam eles sólidos, líquidos ou gasosos, estão intimamente associados aos nossos hábitos de consumo. Consumir mais significa, invariavelmente, produzir mais resíduos e mais poluição, para além, obviamente, da maior utilização dos recursos naturais. Temos assistido a um aumento substancial nas taxas de reciclagem mas, também nesta área, esse aumento não compensou minimamente o efeito do aumento na produção de resíduos sólidos. É sem dúvida necessário continuar a insistir no aumento das taxas de reciclagem dos vários tipos de resíduos mas, por outro lado, é fundamental ganhar o combate contra o aumento na sua produção. Não basta reciclar, é essencial reduzir. E uma forma directa de o conseguir é reduzindo o consumo de produtos e serviços.

**Parar a perda de biodiversidade**

Um dos efeitos directos do elevado défice ecológico da humanidade é a contínua perda de biodiversidade a que continuamos a assistir e, consequentemente, a diminuição da própria biocapacidade do Planeta. Enquanto os nossos níveis de consumo estiverem nos níveis actuais ou continuarem a aumentar, a perda de biodiversidade não será parada e teremos um planeta com cada vez menos capacidade de repor os recursos que consumimos. É um ciclo vicioso que, a continuar, terá consequências devastadoras para a espécie humana. Parar a perda de biodiversidade significa parar a ocupação de espaços naturais e a sua artificialização, e parar o crescimento do consumo de recursos naturais (que na prática são todos os recursos que consumimos, não me estou a lembrar de nenhum que não o seja). Qualquer produto ou serviço que produzimos, e consumimos, tem, associado ao espaço que a actividade ocupa, às matérias-primas e energia que consome, e aos desperdícios e poluição que provoca, consequências sobre a perda de biodiversidade (espécies, diversidade genética, ecossistemas e habitats).

**Reduzir o consumo e a poluição da água**

Não é só através da poupança de água em casa ou da prevenção na lavagem de loiças e roupas as únicas formas de salvaguardar os recursos hídricos. Na verdade, a maior quantidade de água que consumimos está associada aos produtos e serviços de que usufruímos. Reduzir o consumo de produtos e serviços significa, portanto, directamente, uma redução substancial na quantidade de água que é retirada do ambiente e que é poluída, água essa que faz muitas vezes falta para a manutenção de populações de espécies e ecossistemas aquáticos ameaçados. Por exemplo, a produção de um simples café, em todo o seu ciclo de vida, significa o consumo de 140 litros de água, e de um quilo de bife de carne de vaca o espantoso valor de 15500 litros de água. Este elevado nível de consumo e poluição de recursos hídricos por parte da humanidade aumenta cada vez mais o avanço da desertificação. Para além de uma maior eficiência no seu uso e de um melhor tratamento das águas residuais, é fundamental reduzir a quantidade de água captada para os sectores agrícola, industrial e doméstico. Nessa redução, é incontornável assumir que só a diminuição do consumo de produtos e serviços, associado a uma maior eficiência no uso da água e à redução da sua poluição, poderá alcançar os resultados necessários.

**Produção e consumo de alimentos**

Enquanto uma parte da população mundial ainda sofre de subnutrição, outra exagera na quantidade de alimentos que consome ao ponto desse excesso provocar graves consequências para a saúde pública. O problema da fome no mundo está também directamente relacionado com a má distribuição da riqueza e, consequentemente, dos próprios produtos alimentares. A produção de alimentos está actualmente associada a um conjunto de problemas ambientais, desde a ocupação de espaços naturais (em particular das florestas tropicais) até ao esgotar dos solos, à poluição dos recursos hídricos e ao aumento das emissões de gases com efeito de estufa. O aumento da produção e consumo de produtos de origem animal tem um efeito negativo directo sobre os problemas atrás enunciados. Apesar da roda dos alimentos indicar que não necessitamos consumir mais do que 5% em carne ou peixe, se formos a um restaurante, quase 50% do prato vem preenchido com este tipo de alimentos. Por outro lado, cada vez mais, os produtos alimentares que consumimos percorrem grandes distâncias até chegarem ao nosso prato (consumindo mais energia e produzindo mais poluição), para além de serem utilizadas práticas agrícolas muito nefastas para o ambiente. Reduzir o consumo de alimentos, em particular os de origem animal, nos países desenvolvidos, é um passo importante no contributo para a redução do défice ecológico.